PROJETO APROXIMANDO CULTURAS: TECNOLOGIA EM REDE NA APRENDIZAGEM COLABORATIVA COM CRIANÇAS INDÍGENAS

Josane Batalha Sobreira da Silva
Colégio Visconde de Porto Seguro (CVPS)
jsobreira@portoseguro.org.br

Debora Noemi Inouye
Colégio Visconde de Porto Seguro (CVPS)
dnoemi@portoseguro.org.br

Ghislayner Aparecida dos Santos
Colégio Visconde de Porto Seguro (CVPS)
ghislayner@portoseguro.org.br

Modalidade: Comunicação Oral

Eixo Temático: 6. Novas Tecnologias na Educação

Palavras-chave: iPad; Comunidade indígena; Rede social educacional; Diversidade cultural.

Keywords: iPad; Indigenous community; Educational social network; Cultural diversity.

Resumo: Por meio da rede social educacional Faceduc, alunos do 4º ano do Colégio Visconde de Porto Seguro (CVPS) corresponderam-se com estudantes de escola indígena do Pará, com o intuito de compartilhar informações sobre determinados temas e comparar o modo de vida de ambos os grupos. O envolvimento dos alunos pela troca entre pares em uma aprendizagem cooperativa, conforme proposto por VIGOTSKY, Lev Semenovich e os resultados de trabalho por projetos, de acordo com HERNANDEZ, Fernando, tornaram-se importantes fatores para o sucesso desse trabalho. Após a troca de informações, os alunos registraram suas reflexões no iPad, que foram publicadas em um livro virtual. Esse trabalho mostrou a diferença entre o "dar aula" e "fazer aula" e a dimensão do que é ultrapassar os muros da escola.

Abstract: Through the use of an educational social network called Faceduc, 4th grade students

of Colegio Visconde de Porto Seguro (CVPS) corresponded with students of an indigenous school from Para, in order to share information on certain topics and compare the way of life of both groups. The students' involvement through the exchange among peers in a cooperative learning, as proposed by VIGOTSKY, Lev Semenovich, and the results of a project-based learning, according to HERNANDEZ, Fernando, have become important factors for the success of this work. After the information exchange, students recorded their reflections on the iPad, which were published in a virtual book. This work showed the difference between the "just teach" and "teach and make the difference", and the dimension of what is beyond the walls of the school.

1. OBJETIVOS

O objetivo do projeto foi comparar o modo de vida dos alunos do 4º ano do Colégio Visconde de Porto Seguro, unidade Valinhos, com o de crianças indígenas da mesma série da escola Professor Antônio de Sousa Pedroso (Escola Borari), a partir da exploração de temas como escola, moradia, alimentação, transporte, brincadeiras e festas típicas. A comunidade indígena está localizada na vila de Alter do Chão, distante cerca de 30 km de Santarém.

Além disso, buscamos confrontar as semelhanças e diferenças entre a forma como os indígenas viviam antigamente e o modo como vivem hoje; analisar a situação dos alunos de uma comunidade indígena nos dias atuais; localizar no mapa a vila de Álter do Chão; conhecer o cotidiano de crianças dessa localidade; caracterizar a cultura dos alunos do 4º da Escola Borari. É importante destacar que almejávamos fazer com que os nossos alunos percebessem a comunidade indígena como "um outro" diferente, mas não inferior. Ou seja, reconhecer e afirmar, conforme BRAND, Antônio, sem relações de inferioridade ou exclusão.

Pretendíamos também aproximar culturas diferentes por meio da tecnologia, interagindo através de uma rede social educacional. A partir dessa interação, as crianças puderam refletir sobre diferentes modos de vida, comparando-os com os conhecimentos adquiridos por meio dos conteúdos trabalhados.

2. PROBLEMAS / QUESTÕES

As perguntas que permearam o desenvolvimento do projeto foram as seguintes:

- Como conseguir uma interação entre crianças da mesma série, porém de universos e culturas opostas?
- Como avançar no conteúdo estudado de História e Geografia, usando a tecnologia como ferramenta?
- Como vivem as crianças indígenas atualmente?
- Quais as semelhanças e diferenças no modo de vida de ambos os grupos de alunos?

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de aprender de forma cooperativa está relacionado à concepção do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky. Na perspectiva da teoria sociocultural desenvolvida pelo autor, a aprendizagem é uma atividade conjunta, em que relações colaborativas entre alunos podem e devem ter espaço, mediadas pelo professor.

> A Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas com a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY,1998, p. 112)

Paulo Freire explica que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, já que não há docência sem discência. Isso não se aplica somente no relacionamento aluno-professor, mas também entre pares de alunos, já que todos podem e devem aprender com o outro, a qualquer hora e em qualquer lugar.

Visamos também trabalhar com projetos, em busca de uma escola implantada na realidade e aberta às diversificadas relações sociais. Por meio da problematização o aluno passa a ser protagonista de sua aprendizagem. Através de perguntas e respostas, a aprendizagem passa a ter significado para o estudante, uma vez que há conexão com o conteúdo do currículo e uma internalização do conhecimento.

Os projetos de trabalho, na visão de HERNANDEZ, Fernando, contribuem para uma resignificação dos espaços de aprendizagem de forma que sejam formados sujeitos ativos, reflexivos, atuantes e participantes. Ainda de acordo com o autor, a escola geradora de cultura deve questionar a forma de pensar, reconhecer diferentes

concepções, incorporar uma visão crítica e ouvir opiniões diferenciadas. Hernandez propõe também a integração do currículo de forma transdisciplinar, que foi de certo modo abordado neste projeto, uma vez que foi possível incluir, além das matérias de História e Geografia, a área de Tecnologia, por meio do uso de recursos da informática e a de Matemática, através de perguntas lançadas no Faceduc que associavam questões matemáticas a problemas cotidianos de moradores do Pará.

Seguindo os ensinamentos do autor, procuramos não nos restringir somente aos livros-textos, mas sim vivenciar a realidade por meio de outras práticas educativas.

Além de basearmos o nosso trabalho na aprendizagem por pares e no trabalho por projetos, consideramos também alguns dos 7 saberes necessários para a educação do futuro, conforme perspectiva de MORIN, Edgar, principalmente no que diz respeito a ensinar a condição e a compreensão humana. Buscamos trabalhar o tema da diversidade cultural, conhecendo o humano, situando-o no universo e interrogando-nos sobre nossa posição no mundo. Sabemos da multidimensionalidade e da complexidade humana e procuramos transmitir aos nossos alunos um pouco dessa diversidade com o intuito de despertá-los para essa realidade tão complexa em que vivemos, e atentá-los para o que se passa ao nosso redor.

4. METODOLOGIA

Observamos que no Brasil, existem poucas iniciativas de incorporação da tecnologia em escolas indígenas. Poucas aldeias brasileiras têm acesso à internet nas escolas. Para SARMENTO, José, a web é vista, muitas vezes, como uma janela para o mundo “exterior” e como um recurso que possa incluir essas comunidades em uma sociedade que não os vê. De acordo com PINTO, Alejandra, a inclusão digital dos indígenas tem se desenvolvido principalmente através de parcerias entre o setor público e privado, como forma de incluir setores que por muito tempo foram marginalizados no acesso à informação e tecnologias.

Fizemos algumas tentativas de contatos sem êxito, até descobrirmos, através de uma reportagem exibida em http://g1.globo.com/pa/santarem-

regiao/noticia/2014/05/escola-indigena-em-alter-do-chao-pa-aposta-na-tecnologia-nas-salas-de-aula.html, o projeto promovido e coordenado pela ONG AMA BRASIL, e desenvolvido na Escola Borari.

Por meio de parceria da Organização de Desenvolvimento Cultural e Preservação Ambiental - AMA BRASIL com o governo do Pará, as crianças indígenas dessa escola receberam *tablets*, o que possibilitou a comunicação entre os nossos alunos e os de Álter do Chão, via plataforma denominada Faceduc. Seus educadores foram capacitados para trabalhar com a plataforma, que tem sido utilizada para despertar o interesse dos alunos nos estudos. O Faceduc, semelhante ao Facebook, permite a criação de uma rede social educacional virtual. Seu grande diferencial é que trata-se de uma rede social fechada, onde somente os alunos, escolas e professores cadastrados têm acesso ao ambiente.

Apresentamos o projeto aos alunos, por meio de PowerPoint. Utilizamos vídeos disparadores (Guardiões da Biosfera) e a ferramenta Google Earth para situar a comunidade indígena do Pará. Em seguida, houve uma discussão sobre as peculiaridades culturais dessa comunidade.

Foi solicitada aos alunos a coleta de dados sobre Alter do Chão, no que diz respeito à localização, pontos turísticos, festas típicas, o aquífero e sobre a Escola Indígena Professor Antônio de Sousa Pedroso, para montar o mural da classe.

Nossas crianças foram divididas em trios para pensar nas perguntas que fariam aos alunos de lá. Na 1ª semana, os alunos teriam que se apresentar e elaborar perguntas sobre os temas **Escola e Meio de transporte**; na 2ª semana **Moradia e Alimentação;** e na 3ª semana, **Diversão, Brincadeiras e festas típicas**, com foco particular na festa do Sairé, muito tradicional em Alter do Chão. Cada trio teria que elaborar 2 (duas) perguntas por tema a cada semana.

No laboratório de informática, os alunos foram orientados a postar no Faceduc as perguntas elaboradas em sala de aula. Além de postar e responder as perguntas enviadas pelos alunos da comunidade indígena, tiveram que refletir e escrever sobre o que acharam de mais interessante nos comentários postados na semana.

Por último, foi realizada uma videoconferência para que os alunos pudessem se

conhecer e solucionar possíveis dúvidas, e um trabalho de reflexão para integrar dois mundos desconhecidos e discutir qual o mundo / sociedade ideal para ambos, suas semelhanças e diferenças.

5. RESULTADOS / CONCLUSÕES

Esse trabalho abre um novo espaço para a Educação das crianças indígenas do Pará. Todos se beneficiaram com o projeto: nossos alunos puderam vivenciar através da tecnologia uma aula que não está nos livros, é da vida real. Tudo o que estudamos a respeito da cultura indígena existe, aqui mesmo no nosso país. Para os alunos da Escola Borari, o Faceduc abre uma nova perspectiva para a Educação no Pará. Todos puderam viver uma verdadeira revolução tecnológica. É o que acontece quando a Escola vai além da sala de aula.

Ao ler os relatos sobre o que aprenderam com essa experiência, percebemos que essa troca pôde estabelecer correlações entre o conteúdo estudado em História e Geografia e a realidade. Em um depoimento de aluna do CVPS, a estudante afirma que: “Aprendi muito sobre os índios, como o jeito de comer, de ir à escola, sobre suas moradias, brincadeiras, festa do Sairé, etc. Percebi que seu jeito de viver é bem diferente do nosso. Vão a pé para o colégio, de canoa, a cavalo e nós vamos de ônibus ou carro. Brincam de boneca, pião ou jogos indígenas, nós jogamos videogame ou jogos eletrônicos. Moram em pequenas casas ou em ocas e moramos em condomínios fechados. Comem coisas naturais e nós comemos coisas industrializadas. Achei muito divertido esse projeto, então dou os meus parabéns a quem teve a ideia de criar o “Aproximando Culturas”.”

Algumas dessas reflexões e aprendizados foram registrados em um livrinho virtual. Em cada relato, observamos como as crianças gostaram e aprenderam com essa interação.

O ponto culminante foi a realização de uma videoconferência onde os alunos puderam conhecer através do Skype, em tempo real, seus pares da Escola Borari. Foi um momento mais que especial.

Temos a intenção de continuar esse projeto, sempre procurando aperfeiçoá-lo para os próximos anos.

Acreditamos na importância dos pares como mediadores da aprendizagem, de acordo com os estudos de VIGOTSKY e nos resultados de trabalho com projetos, conforme proposto por HERNANDEZ. Nosso trabalho mostrou a diferença entre o "dar aula" e "fazer aula" e a dimensão do que é ultrapassar os muros da escola.

REFERÊNCIAS

BRAND, A. Educação escolar indígena: o desafio da interculturalidade e da equidade. **Série-Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**, Campo Grande, n. 12, p. 35-43, jul./dez. 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora EGA, 1996.

HERNANDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação:** os projetos de trabalho. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

PINTO, A. A. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 37-51, jul./dez. 2008.

SARMENTO, J. **Os jovens indígenas e a inclusão digital.** *Sine loco*, IHU On-Line, [2012?].

VIGOTSKY, L. S.; COLE, M. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.